

Uma introdução ao livro de Josué

An introduction to the Book of Joshua

Fabio Py Murta de Almeida*

Resumo: Este artigo é dedicado ao estudo do livro de Josué. Seu objetivo é apresentar, segundo a abordagem da pesquisa histórico-crítica, algumas possibilidades de se pensar um entendimento sistêmico dessa obra, enquanto literatura integrante do cânon cristão.

Palavras-chaves: Bíblia. Josué. Profetas.

Abstract: In this article we would like to dedicate the book of Joshua. To this end, their wish is to present the second approach of historical-critical research what are the possibilities of thinking a systemic understanding of this work as literature of the Christian canon.

Keywords: Bible. Joshua. Prophets.

O livro de Josué conta uma história de uma fulminante campanha militar, durante a qual os poderosos reis de Canaã foram derrotados nos campos de batalha e as tribos de Israel herdaram suas terras.

(FINKELSTEIN e SILBERMANN, 2003, p. 103).

O livro de Josué pode ser encarado como uma parte da Obra Historiográfica Deuteronomista que vai desde o livro de Deuterônimo até o livro de Reis na Bíblia hebraica. Livro que, ao mesmo tempo, apresenta elementos particulares dessa literatura, e, também, dá indicações do que está por vir na Tanach, como ocorre, também, com o livro de Deuterônimo, de acordo com Martin Noth (1975).

Neste artigo, buscamos elucidar como que o livro de Josué vem sendo encarado a partir das críticas bíblico-históricas, oriundas, principalmente, do diálogo simbólico-religioso com as ciências humanas. Para isso, localizamos o livro-texto a partir de sua origem na experiência intercultural, que tange as raízes histórico, social, literário e antropológico da sociedade do mundo bíblico.¹

Visamos, neste artigo, reconhecer as propostas de autoria do livro, da sua forma de escrita, do nicho da escrita, de seus temas (ou suas tradições) e de seu labor religioso.² Em termos de literatura bíblica, o elemento da autoria é um ponto controverso, pois, desde a crítica humanista, foi esvaziada no que tange a questão da autoria bíblica pessoal-individual – comum na leitura do protestantismo histórico.

1 O nome do livro de Josué

O significado de um nome na literatura bíblica é importante de ser indicado, pois ele introduz a obra. Portanto, o nome Josué (*yhvsh*) tem relação com a expressão "Yahweh salva".³ Ora, mesmo sabendo que toda tradução carece de ajustes e apontamentos, devemos considerar que esse nome surge da junção da partícula *yh*, uma abreviação de *Yahweh*, com a contração *sh* que significa: "salvar". Formando, assim, a contração "Yah salva", ou mesmo, "Deus salva" (SCHMIDT, 1994, p.121-125).

Desde as críticas literário-históricas, formuladas por Wilhelm Martin Leberecht de Wette, percebeu-se que o de livro Josué, não deveria ser dado à autoria do personagem. As propostas de Wette foram responsáveis diretas das radicalizações posteriores dos seus discípulos, por exemplo, um deles é Jean

Astruc - autor que por sua formação em biologia propôs dissecar os textos bíblicos da forma que fazia com o bisturi (SANT'ANNA, 2005, p.7-14).

As formulações de Wilhelm Martin Leberecht de Wette e de Jena Astruc foram ampliadas pelo teórico prussiano, Julius Wellhausen. Ele, que ratificou a crítica humanista iniciada por de W. M. L de Wette, acabou por desmistificar a autoria de Josué junto ao protagonista do livro. Com suas hipóteses, começou a compreender que esse livro (sagrado) pudesse ser encarado com ônus humano, podendo ser analisado como literatura (NIHER, 2003, p. 170-176).

Antes disto, tanto da linha cristã, quanto o lado da tradição rabínica, responderiam sobre a pergunta da possível autoria do livro, como sendo mesmo de Josué. Percebemos isso, quando fazemos uma leitura expansiva do cânon, desde o fim do livro de Deuterônomo até o início do livro de Josué. A herança da autoria desse livro ao ser conferida a Josué fez com que ele herdasse, também, o fim da narrativa de Deuterônomo, isto é, Deuterônomo 24:5-12.

Para destacar a divergência na relação entre o personagem e a escrita do livro de Josué separamos o que foi escrito por Ernst Sellin e Georg Fohrer sobre esse caso:

O nome do livro foi tomado de seu personagem principal. Contra a tradição talmúdica, de que o livro foi composto pelo próprio Josué, estão o seu caráter anônimo e as mesmas observações que se fazem contra origem mosaica do Pentateuco. (SELLIN e FOHRER, 1977, p. 289)

Trata-se, então, de analisar a questão da autoria, desde a crítica ensaiada pela história das fontes e das formas (ambas, 'críticas das origens' dos textos bíblicos (ALMEIDA, 2007, p. 34-78), e que se inicia dentro do protestantismo, ou seja, a ideia de que seu grupo formativo seria pelo menos dos tempos do pré-exílio para Martin Dreher (1992, p.36-50), passando pelo exílio na ideia de Martin Noth (1975), chegando, até o período do pós-exílio, como entende o estudioso mineiro José Luis Gonzaga do Padro (2005, p. 28-36). Sobre essa questão, trataremos, mais detalhadamente mais adiante.

2 Os blocos temáticos do livro

Para falar de Josué é interessante que se diga que o livro apresenta três localidades: três espaços ou blocos. O primeiro destaca algumas lendas que contam a história da chegada e da conquista da terra palestina. Estas se encontram nos primeiros doze capítulos do livro (Josué 1-12).

A segunda parte do livro, localizada nos nove capítulos subsequentes (Josué 13-22), narra-se a defesa da terra e sua repartição entre as tribos. Além disso, toda a questão pertinente ao assentamento, às repartições e às disputas entre as tribos. Por fim, a terceira parte, os dois últimos capítulos do livro, Josué 23-24, discute a despedida do líder Josué com alguns detalhes sobre sua morte (GRADL, 2001, p. 59-76).

Conquista da terra	Defesa da terra	Discurso de despedida ⁴
Josué 1-12	Josué 13-22	Josué 23-24

Ao se levar em conta essa divisão, poderemos esquematizar o livro na forma concêntrica no formato abertura (A), desenvolvimento (B) e conclusão (A). Um molde hebraísta salientaria qual seria a parte mais importante no semitismo antigo, localizada na metade da estrutura concêntrica. Para isso, se metrificou a seguinte forma típica dos judeus:

A. Conquista da terra - Josué 1-12
B. Defesa da terra - Josué 13-22
C. Discurso de despedida - Josué 23-24

Com esse destaque, compreendemos que em Josué se busca, primordialmente, a defesa da terra (B: Josué 13-22). Ora, nesse trecho, relata-se a distribuição das terras na região da Cisjordânia, algo que mesmo nos referindo à sociedade bíblica, parece ser um tema muito atual, principalmente tendo em vista os confrontos que ocorrem ainda hoje na região palestina, ocasionados pela divergência histórica entre palestinos e israelenses.

Mesmo periféricamente, em relação ao tópico de defesa da terra (B), o livro apresenta, em primeiro lugar, listas de lendas e de sagas contidas nos seus doze primeiros capítulos. Busca-se, desse modo, justificar por meio de narrativas grandiosas a chegada da terra do povo judaíta. Em conjunto com as narrativas de Josué 1-12, o livro traz o bloco de Josué 23-24, considerado por grande parte das pesquisas, como sendo fruto de adendos posteriores – como destaca Werner H. Schmidt: "Visto que as falas de Josué nos capítulos 23 e 24 correm num tempo paralelo, portanto dificilmente estiveram originalmente lado a lado" (SCHMIDT, 2002, p. 202)

Novamente, após se olhar os blocos temáticos do livro de Josué, sem maiores detalhamentos quanto ao aspecto dos gêneros literários e das narrativas, buscaremos focar, com um pouco mais de atenção, as formulações menores e os capítulos de Josué, junto aos profetas anteriores. Para isso, nos embasamos nas pesquisas que estudam pelo prisma das origens dos textos bíblicos, pois com essa abordagem frente à literatura bíblica acreditamos poder com maior precisão reconstruir os trechos de pregação (perícopes) que formariam o livro como um todo.⁵

Ernst Sellin e Georg Fohrer (1977, p.275) buscam as formas literárias primordiais para reconstruírem esses trechos de pregação e relatos quase que orais que deram origem ao livro, reconhecido atualmente como Josué. Então, o detalhamento apresentado abaixo busca, pelos fragmentos bíblicos, a reconstrução do esquema redacional encontrado sobre formulação sanduíche (concêntrica) acima descrita:

A. Conquista da terra: Josué 1-12
Capítulo 1: Preparativos
Capítulo 2: Reconhecimento de Jericó
Capítulos 3-4: Travessias do Jordão
Capítulo 5 Israel em Gálgala,
Capítulo 6: Conquista de Jericó
Capítulo 7 Furto de Acan
Capítulo 8: Tomada de Hai, construção do altar sobre o monte Ebal
Capítulo 9: Estratégia dos gabonitas
Capítulo 10: Batalha nas proximidades de Gabaon; conquistas das cidades do sul
Capítulo 11: Batalha junto a Meron; conquista do norte
Capítulo 12: Lista dos vencidos.
B. Defesa da terra - Josué 13-22
Capítulo 13: Ordem; divisão da Transjordânia
Capítulos 14-19: Divisão da Cisjordânia
Capítulo 20: Cidades de asilo
Capítulo 21: Cidades dos sacerdotes e levitas
Capítulo 22: Construção de um altar na Transjordânia

C. Discurso de despedida – Josué 23-24

Capítulos 23-24: Dois discursos de despedida de Josué.

Ao olharmos o livro de Josué como blocos, mais detidamente a partir dos estudos de Ernst Sellin e Georg Fohrer (1977, p. 275), percebemos que a localização das peças e fragmentos textuais fazem sentido em relação ao todo dos blocos e do livro. O texto forma um conjunto, uma unidade literária. Passaremos agora, para o momento da percepção dos autores e comentarista da literatura sobre a possibilidade das autorias que se pensam sobre o livro. Nesse caso, se partirá das características próprias de cada bloco para que perceba as épocas em que elas foram colocadas, criadas ou reajustadas como as partes do livro.

3 Como foi composto e sua provável literatura

Para se aprofundar mais no texto da abertura dos profetas anteriores/livros históricos, voltamos a um detalhe que foi indicado no início do texto, quando se comentou sobre a designação do livro de Josué, como personagem, autor e os significados ao seu nome. Passamos agora, a detalhar um pouco mais sobre como fora pensado a formação da arquitetura do livro, os modelos cirúrgicos de Jean Astruc e de Wette, bem como as pesquisas mais reconhecidas da redação bíblica atual.

4 Datas de acordo com a crítica bíblica

Como já se disse anteriormente, com o aprofundamento das questões humanistas e historicistas, as pesquisas de Jean Astruc e de Wette, são o pressuposto da pesquisa levada por Julius Wellhausen (1975, p.98-165). Basicamente, a proposta de Wellhausen era de que ao invés de existir um Pentateuco, deveria existir um Hexateuco, ou seja, ao invés da composição de um bloco contendo os cinco primeiros livros da Bíblia, existiria um bloco formado de seis livros bíblicos, considerando então o livro e Josué, como parte do antigo Pentateuco.

Devemos entender o detalhe, pois Wellhausen descreve o livro de Josué como se este fora dividido junto com os cinco primeiros livros da Bíblia, sofrendo, também, a influência das chamadas fontes Eloista (E), Javista (J), Deuteronomista (D) e Sacerdotal (P). Para Wellhausen (1975, p.90-134), parte da redação do livro fora composta por volta do reinado de Josias no século VII a.C., quem apoia essa possível formulação para o livro ainda no século passado foram os estudiosos Ernst Sellin e Georg Fohrer que chegam a declarar sobre o vínculo de Josué com as fontes do Pentateuco: "Se queremos conhecer a história da origem do livro de Josué, devemos partir da antiga constatação de que os 'estratos fontes' do Pentateuco continuam até Juizes 2,5, precisamente ao contrário da análise simplificante de Noth" (1977, p.276)

A afirmação de Sellin e Fohrer não é só relevante pelo seu conteúdo direto, mas mostra que, em meados de 1969, quando a Introdução ao Antigo Testamento fora lançada na Alemanha, a questão das fontes do Pentateuco, e de um provável Hexateuco ainda possuía alguma repercussão na pesquisa bíblica. Contudo, não é apenas isso que se mostra na afirmação. Podemos destacar no postulado de Sellin e Fohrer, principalmente a crítica que fazem à pesquisa do estudioso da Universidade de Bonn, Martin Noth (1993), qualificando-a como simplista.

A pesquisa de Martin Noth afirma que o livro de Josué seria fruto de um autor deuteronomista. Segundo Noth, no exílio babilônico (na Palestina), houve um processo de retribalização do povo e de uma distribuição de terra promovida pelos povos que nela habitam – como descreve especialmente o livro de Josué. Assim, a pesquisa de Noth colocaria o trabalho do livro de Josué nas mãos dos palestinos que ficaram na terra, local onde ocorrera sua distribuição, sobretudo pela dominação babilônica.⁶

Portanto, para ele o livro de Josué faz parte da chamada Obra Historiográfica Deuteronomista (OHD), que vai de Deuterônimo até o livro de 2 Reis. Obra que no exílio palestino teria utilizado as tradições etimológicas e as narrativas de heróis inseridas nos capítulos 1 até 12,⁷ e os capítulos de 13-21, com as distribuições das terras junto aos palestinos (NOTH, 1967, p.18-46).

Sobre a crítica da redação, um outro trabalho de repercussão é o de Rudolf Smend. Para ele, houve redações feitas pelo deuteronomista, inicialmente no exílio palestino, de material rascunhado no pré-exílio. O livro de Josué, para ele, chegou ao pós-exílio, sendo, nessa época, acrescentadas outras redações chamadas de nomistas (NIHER, 2003, p. 170-176).

Outra proposta representativa atualmente na pesquisa do Antigo Testamento é a de Mark Görg. Esse pesquisador vem, basicamente, estudando os capítulos 1-12 como originalmente pré-deuteronomista, sendo revisitado outras vezes e mais tarde feito nele comentários pós-deuteronomistas. Assim, para Görg, os capítulos 13-19 pertenceriam a integra sacerdotal e a parte final do livro fora fomentada pela redação final que acrescentou os capítulos 20-22 (NIHER, 2003, p.170-176).

A última proposta que gostaríamos de trazer neste artigo é a de Herbert Niher.⁸ Esse estudioso católico propõe que a redação deuteronomista teria acontecido nos capítulos 1-12, de Josué – algo que até então tinha sido abandonado pela crítica da redação frente ao livro. Já, o material tido nos capítulos 13-22, teria punho tanto sacerdotal quanto deuteronomista e, por fim, os capítulos 23-24, que seriam um misto de fontes, ora deuteronomista, ora sacerdotal e ora, pós-deuteronomista.

5 Datas pela crítica histórica

Outro enfoque para abordagem ao livro de Josué pode parte da crítica literária bíblica. Essa abordagem cada vez mais vem ganhando força, se solidificando junto às cadeiras de história e de arqueologia bíblica. Indo direto ao ponto, desde a abordagem de Norman K. Gottwald, com seu "modelo de revolta",⁹ se tem a impressão de que o que deve ter ocorrido na Palestina com as narrativas de Josué não fora uma conquista da terra, mas uma revolta contra o sistema estatal cananita.

De fato, a proposta bíblico-arqueológica de Gottwald leva a ser repensar o valor das palavras encontradas no livro de Josué. Assim, o que normalmente era chamado de conquista e tomada da terra palestina, pelos judeus liderados pelo personagem Josué, se tornará, por meio desse ponto de vista, apenas uma revolta judaíta contra o poder e o estado cananita. Gottwald já admitia que os textos de Josué não retomassem ao tempo da chegada na terra cananita, mas aos tempos posteriores, como, por exemplo, a época da fixação da monarquia em Judá, no reinado de Josias (GOTTWALD, 1988, 233-254).

Esse postulado coloca em questão um questionamento, ou seja, o que ocorreu efetivamente nos relatos de Josué. A partir da percepção desses historiadores que colocam a formação do Israel em um curto espaço de tempo (chamados de minimalistas),¹⁰ o próprio exílio babilônico pode ser questionado. O exílio seria, assim, um elemento questionável segundo os minimalistas, e sobre ele se respaldaria a crítica bíblica como o local da formação de grande parte do livro de Josué.

Ao retirar sua composição do exílio, algo para eles inexistente, o livro foi colocado dentro do pós-exílio persa. Passando a conquista da terra em Josué, como sendo um relato mítico resgatado com a chegada na terra dos exilados babilônicos (Josué 1-12), e o processo de distribuição das terras, encontrado nos capítulos 13-22, tendo, assim, ocorrido como a distribuição das terras mediante a migração dos exilados para Judá. Um dos defensores dessa proposta na América Latina é José Luiz Gonzaga do Prado,¹¹ um dos chamados "biblistas mineiros".

Ao discutirmos a composição e a datação do livro, expusemos dois liames de datação epistemologicamente distantes. Contudo, mesmo diante de dessas propostas, acreditamos que o livro de Josué, se for pensado na perspectiva de sua formação inicial, não deve ser desvinculado das políticas dos grupos de sustentação do reinado de Josias (NOTH, 1993). Devia, pois, fazer parte das políticas públicas deste reinado.

Por outro lado, se o pesquisador pensa sua leitura a partir da ideia das redações bíblicas não deve perder de vista o limite do pós-exílio persa, onde há uma relação mais explícita do nome de Josué (conquistador e discípulo de Moises), com a do sacerdote Josué, líder dos sadoquitas.¹² Acreditamos que entre esses limites históricos possa ter ocorrido à depuração do livro de Josué, tento em mente que o elemento no qual vai definir as datações é sim a opção de abordagem no texto bíblico pelo interprete bíblico.

6 Alguns pontos a serem lembrados

Após introdução ao estudo do livro de Josué, suas leituras e questões, o que mais chamou atenção foi sua temática ligada à guerra e à violência, nas suas primeiras páginas. Esta já é uma das características do livro, que para Milton Schwantes (186, p.43-49) mostra o traço popular de origem nas suas narrativas contendo lendas etiológicas.¹³

Logo após a guerra e a violência por ela desencadeada, podemos ver, dentro dos capítulos de treze até o vinte e dois que há na Palestina uma distribuição das terras entre as tribos de diferentes origens. Compreendemos que assim ocorre por que a terra para os autores do livro de Josué é algo relevante. Uma dádiva que possibilita a vida do povo bíblico e de todo povo na terra, e logo, o elemento terra, é distribuído entre os seus habitantes para que a vida seja humanizada. Essa é uma chave evocada dentro do livro de Josué, comum a literatura deuteronomista, e que faria muito bem aos dias atuais, pois seu valor esta presente também na origem do cristianismo, como podemos ver no livro de Atos dos Apóstolos.

Outro detalhe que pode ser destacado se encontra nos capítulos 23-24. Neles se destacam a obediência a Torah como valor que se passa de geração a geração, isto é, indo de Moises até Josué – o que indica, da mesma forma, a atuação deuteronomista desses projetos. Autores que teriam relacionado o projeto de Josué com o compromisso com a escrita de Deus, como se destaca em 23,6-8,12 e 15.

Sobre a questão das lendas que introduzem essa literatura, com suas características populares, dizemos que nelas não há parâmetros monoteístas estabelecidos, mas encontramos nelas idealizações monolátricas (RIBEIRO, 2006, p.31-42). Falamos assim, pois, nessas lendas, não desconsiderando a existência dos outros deuses, mas, trabalhando com certo panteão palestino. Fator este que ajuda a não qualificar o texto com uma intervenção sacerdotal tão fortificada, como exprimem alguns críticos bíblicos (NIHER, 2003, p. 177-184).

A análise desse livro parece apontar para o fato do quanto é importante, no contexto dos países marginalizados, que venha a existir políticas públicas de democratização das terras. Na medida do possível, o livro de Josué pode ajudar encontramos saídas para a vida e, cada vez mais, experimentarmos suas múltiplas leituras.

* **Fabio Py Murta Almeida** é Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor assistente da Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT-STBSB), pesquisador do

grupo de Pesquisa de Religião e Cultura da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e integrante da Bibliografia Bíblica Latino Americana da Universidade Metodista de São Paulo (BBLA-UMESP).

¹ Para a questão interdisciplinar frente às cadeiras da área bíblica que vem sendo discutidas nos últimos anos, uma das bibliografias norteadoras vem do professor de teologia da Universidade Candido Mendes Elcio Sant'Anna (2005, p. 7-14).

² Aqui se parte do pressuposto de que com a exegese se busca, inicialmente, reconhecer alguns elementos da origem dos fragmentos bíblicos, para depois propor uma arquitetura desses textos, cada qual com seu tempo específico, para uma indução da construção e da harmonização dos textos bíblicos, de acordo com a tese de doutorado de Haroldo Reimer (1992, p. 32-57), quando busca orquestrar o livro de Amós tendo em vista os panfletos e manchetes do pastor de Técuá.

³ Para maior detalhamento sobre o possível nome do divino e sua composição com o tetragrama YHWH (Yahweh - Javé), Ver: GRADL (2001, p. 59-76). As transliterações que foram usadas não são (tão) recorrentes nas gramáticas de língua hebraica, já que a pretensão deste artigo é de permitir a leitura da academia e do público leigo. Ver: SCHWANTES, 1987.

⁴ O "Discurso de Despedida", Josué 24,29-33, é, como uma glosa, um adendo ao texto de Josué. Ver, sobre essa questão: NIHER (2003, p. 171). Provavelmente, esse trecho foi acrescentado ao livro posteriormente ao surgimento dos primeiros textos do livro de Josué.

⁵ Desde o início deste artigo, evidenciou-se tal opção, e na nota n. 3, já se definiu sobre uma relevante proposta de reconstrução da interpretação do texto bíblico. Ver, para maiores detalhes sobre essa proposta: ALMEIDA: 2007, p. 57-104.

⁶ Na América Latina, Martin Noth é um dos biblistas que trabalha com as propostas de Milton Schwantes (1986). Numa série de conferências que fez no Chile nos tempos da ditadura militar, Schwantes se baseia nas formulações de Noth a fim de, pelo discurso, desestabilizar ideologicamente qualquer tipo de autoritarismo, assim, busca animar os grupos de cristãos desiludidos com as atrocidades patrocinadas pelo ditador Pinochet.

⁷ As discussões sobre os doze primeiros capítulos do livro de Josué se devem, também, à proposta de Albrecht Alt, quando ele descobriu que esses capítulos possuem uma série de lendas etiológicas locais, e ainda, sobre os capítulos seguintes em que apontou para o fato de que ali existiriam as tribos e as divisas dessas nas terras de Judá, para isso é importante que se veja o capítulo de autoria de Albrecht Alt (1987, p. 58-110).

⁸ Sobre esse processo de discussão de fontes, grupos autorais, e de formulações sobre o livro de Josué, recomenda-se a leitura de NIEHR (2003, p. 170-176). Neste, o autor se posiciona sobre as propostas, acabando por aderir à intervenção redacional do livro.

⁹ Não existe, neste artigo, preferência em se chamar a proposição de Norman K. Gottwald (1986, p. 42-46) de um modelo ou de uma teoria. Esta afirma que o que deve ter havido, não foi uma tomada da terra (conquista da Palestina), com feitos gloriosos, de um povo que vinha do deserto, mas uma revolta dos camponeses contra a expressa rede de cidades estado cananistas.

¹⁰ Sobre os autores minimalistas e, também, para os chamados maximalistas, que trabalham a história de Israel em um espaço mais longo, vale conferir o texto de Airton Jose da Silva (2001, p. 62-73).

¹¹ O texto de José Luis Gonzaga do Prado (2005, p. 28-36) trata detalhadamente sobre a formação do livro de Josué e o seu vínculo com o pós-exílio e da possibilidade de um exílio babilônico dos judaítas ser, apenas, uma metáfora mítica para um exílio psicológico.

¹² Quem defende essa proposta com propriedade na América Latina é o biblista fluminense RIBEIRO, 2006, p. 31-42. Para o estudo de Josué entre os católicos, que adere em certa medida a isto, ver: NIHER, 2003, p. 170-176.

¹³ Todas as discussões e características nesse tópico foram baseadas em NIEHR (2003, p. 170-176) e SCHWANTES (1986).

Referências

- ALMEIDA, Fabio Py Murta. *Uma ecologia refém do poder econômico: leitura exegética sócio-econômica de Deuteronômio 5,12-15*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007, p. 57-104. (Dissertação em Ciências da Religião)
- ALT, Albrecht. Considerações sobre a tomada da terra pelos israelitas. In: _____. *Terra prometida*. Trad. Haroldo Reimer. São Leopoldo: Sinodal, 1987, p. 59-110.
- DREHER, Carlos. Josué: Modelo de Conquistador? *Revista de interpretação bíblica latino-americana*, Petrópolis: Vozes, v. 12, 1992, p. 36-50.
- FINKSTEIN, Israel e SILBERMANN, Neil Ascher. *A Bíblia não tinha razão*. Trad. Tuca Magalhães. São Paulo: A girafa, 2003.
- GOTTWALD, Norman K. *As tribos de Iahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050 a.C.* Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1986.
- GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária da Bíblia hebraica*. Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 233-254.
- GRADL, Felix. Os livros da história do povo de Deus. In: _____. GRADL, Felix e JOSEF, Franz. *Israel e seu Deus: guia de leitura para o Antigo Testamento*. Trad. Miriam Bettina Paulina Oelsner e Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 59-76.
- MERSTES, Carlos. Como se faz teologia bíblica hoje no Brasil. *Revista de estudos bíblicos*, n.1, Petrópolis: Vozes, 1981, p. 7-19.
- NIHER, Herbert. O livro de Josué. In: ZENGER, Erich (Org.). *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. Werner Fuchs. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 177-184.
- NOTH, Martin. O deuteronomista: 1943-1993 – 50 anos de crítica autoral. Trad. Haroldo Reimer. *Revista bíblica brasileira*. Fortaleza: Editora Nova Jerusalém, 1993.
- PRADO, Jose Luis Gonzaga. A invasão/ocupação da terra em Josué: duas leituras, duas faces. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 28-36.
- REIMER, Haroldo. *Richet aut das Recht! Studien zur Botschat dès Propheten Amos*. Stuttgart, 1992.
- RIBEIRO, Osvaldo Luis. Bíblia e História. In: REIMER, Haroldo e SILVA, Valmor (Org.) *Contribuições para o Primeiro Congresso de Pesquisa Bíblica*. São Leopoldo: Oikos, 2006, p. 31-42.
- SANT'ANNA, Elcio. Antropologia bíblica cultural. *Visão teológica*. Dourados, v. 1, n. 1, 2005, p. 7-14.
- SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. Nelson Kilpp. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e esperança no exílio: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* São Leopoldo e São Paulo: Sinodal e Paulinas, 1987.
- SELLIN, Ernst e FOHRER, Georg. *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. D. Mateus Rocha. São Paulo: Paulinas, 1977.
- SILVA, Airton José. A história de Israel na pesquisa atual. *Estudos Bíblicos*, n°71, Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 2001, p. 62-73.
- WEBER, Max. *As duas vocações: ciência e a política*. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. São Paulo: Cultrix, 1983.
- WELLHAUSEN, Julius. *Prolegomena to The history of Ancient Israel*. New York: Merian Boks, 1975.